

Diálogo, Religiões e Identidades

Adevanir Aparecida Pinheiro e José Ivo Follmann sj¹

O diálogo tem nos instigado muito e nos levou a mudar o nosso modo de agir. Trata-se de uma mudança que envolve, inclusive, um novo jeito de dialogar. Na verdade, sempre é salutar para o ser humano ser desafiado pelo diálogo, ou seja, encontrar-se e confrontar-se consigo mesmo e com os demais. Em nossa experiência, foi o próprio diálogo que nos fez perceber a realidade das mudanças. Foi o diálogo que nos fez ver o quanto somos vítimas dentro de nosso cotidiano. Vítimas, sobretudo, de uma educação estreita e individual. Vivemos movidos por encolhimentos de toda ordem. Estes encolhimentos são reforçados por preconceitos, às vezes, enraizados em nós de uma forma muito profunda, imperceptível e sutil. É preciso estar atento a isso para que o diálogo possa fluir efetivamente, acontecer de verdade e ser libertador.

Para se viver a experiência que vivemos hoje no “Grupo Inter-Religioso de Diálogo”,² buscamos trabalhar dois conceitos que foram essenciais em todo o processo de construção do grupo. Num primeiro momento, vimos o quanto era importante revisarmos o conceito de conhecimento. Como fazer para conhecer o outro, sem enquadrá-lo na minha visão? Percebemos que conhecer alguém, uma pessoa, um ser humano é uma prática muito simples vivida no cotidiano. É necessário beber da autenticidade das relações vivenciadas no cotidiano humilde das pessoas. Este

primeiro momento foi sendo enriquecido e ampliado, sobretudo a partir da contribuição de reflexões feitas em textos do teólogo Faustino Teixeira, com a idéia do reconhecimento do outro ou do diferente. Reconhecer significa abrir mão de seu próprio saber e facilitar o crescimento dialogal com o diferente. Trata-se de um conhecimento do outro, do diferente, de uma forma despojada, enxergando nele alguém, um sujeito com identidade.

Na medida em que o grupo foi avançando, cresceu em nós a convicção de que o diálogo entre as diferentes lideranças religiosas é efetivamente uma exigência fundamental para o convívio harmonioso e cidadão e, sobretudo, para o respeito mútuo. Uma frase de G. Gadamer, lembrada por Faustino Teixeira, é muito inspiradora neste sentido: “A capacidade constante de voltar ao diálogo, isto é, de ouvir o outro, parece-me ser a verdadeira elevação do homem à sua humanidade.”

Qualquer diálogo adulto pressupõe convicções próprias e segurança na identidade. Não tenho condições de evoluir efetivamente no conhecimento e reconhecimento do outro em sua identidade religiosa se esta questão não está resolvida em mim. Ninguém precisa “sacrificar” a sua identidade religiosa em benefício de outra. Reconhecer a identidade do outro não envolve imolação da própria identidade; trata-se de um ato de solidariedade, ou

melhor, de reconhecimento solidário. Ninguém é obrigado a renunciar à sua identidade; é preciso, isso sim, zelar pela mesma, cada vez mais, no sentido de fazer da interação e participação com o outro algo sério. O diálogo acontece num âmbito de auto-estima e de hetero-estima, de aceitação e aprendizado mútuo, não de dominação ou conversão. Esta é a experiência que mais se percebe e expressa hoje, pelos líderes que integram o grupo, depois de quatro anos de convívio.

Para que isso aconteça, é necessário que as pessoas envolvidas acreditem no que estão fazendo. Testemunhamos que a grande disposição existente no início, de parte do grupo fundador, converteu-se ao longo dos primeiros meses num entusiasmado interesse por ver a experiência crescer e atingir os demais. Pedimos licença para registrar, aqui, alguns depoimentos colhidos junto a integrantes do Grupo Inter-Religioso de Diálogo, no final de 2003, ou seja, dois anos depois da criação do grupo:

Reverendo Jessé Castro Ramos, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, novembro de 2003: *“Nossa caminhada como companheiros(as) do diálogo inter-religioso tem sido muito proveitosa para o aprendizado sobre outras tradições de fé.” [...] “Espero em Deus que outros(as) líderes religiosos(as) sejam sensibilizados(as) por nossa experiência e, vencendo seus medos e preconceitos, unam-se a nós ou criem outros grupos desta natureza.”*

Ir. Antônio Cazzuni Dias, Médium do Círculo Espírita Francisco de Assis,

São Leopoldo (RS), dezembro de 2003: *“Tudo isso é novo, esperamos que seja o início de um grande exemplo a ser seguido.”*

Pai Dejair de Ogum, Casa Africana Ilê dos Orixás, São Leopoldo, dezembro de 2003: *“O africanismo dentro deste grupo tem achado espaço para se projetar com seus conhecimentos e cultura, ao mesmo tempo em que a convivência com os diferentes segmentos religiosos tem nos proporcionado o aprendizado e o principal: saber entender e respeitar outras idéias. Acredito que se nós, líderes, criadores de opiniões, soubermos transportar esta experiência para nossas comunidades, conseqüentemente estaremos divulgando a paz e o respeito pelo diferente.”*

Dinorá da S. Nunes e Maria Odete da Silva, participantes de Casas de Religião Afro e integrantes das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs (católicas), Canoas, dezembro de 2003: *“Nós percebemos a discriminação existente entre as religiões, e, junto com o grupo inter-religioso, vimos que é possível caminhar com o mesmo objetivo. A nossa participação neste grupo nos acena para uma libertação da opressão que existe dentro de nossas comunidades. Por incrível que pareça, ainda existem comunidades fechadas para o diálogo inter-religioso. Mas com essa caminhada que estamos percorrendo junto ao grupo, temos a certeza de que vamos ter sucesso na caminhada da libertação.”*

Rafael Martini, Funcionário da UNISINOS, Igreja do Culto Eclético

Fluente Luz Universal - SANTO DAIME, Sapiranga, janeiro de 2004: *“Eu pude sentir, nestes dois anos de encontros, a vibração de todos os corações, buscando um entrelaçamento sincero. [...] Aprendi a ser, também, mais religioso e menos preconceituoso. A minha crença fortaleceu-se na diversidade de caminhos e na unidade de objetivos. Todas as religiões almejam os mesmos propósitos elevados. Todas sabem que, para haver a re-ligação ao divino, é necessário cultivar o respeito, o amor, a harmonia, a justiça, a verdade e a paz interior. [...] A minha conclusão mais importante, até o presente momento, é que as religiões não divergem entre si. Quem teima em divergir são os homens que não as praticam com a fé necessária ou com a dedicação que elas merecem. São os homens incapazes de compreender com o coração a força divina, que move a cada um, que teimam em semear, com a razão, a discórdia de sua confusão particular, resultado de sua própria falta de elevação.”*

O “Grupo Inter-Religioso de Diálogo” foi fundado em abril de 2002, com a presença de seis denominações diferentes. Hoje o Grupo está somando 13 denominações. É importante registrar que a idéia de formar o grupo tem a sua origem nos contatos realizados dentro de uma pesquisa sobre “Práticas Sociais e Religião no Vale do Rio dos Sinos”. As entrevistas realizadas para essa pesquisa suscitaram interesse de alguns líderes religiosos de conhecerem melhor as

práticas sociais existentes no mundo religioso e como isso poderia ser benéfico para todos aqueles que se dispõem a cultivar a sua dimensão religiosa e social. A primeira reunião, além de ter sido marcada pelo clima favorável e participativo, foi também ocasião para a afirmação de duas idéias claras: o Grupo quer ser, em primeiro lugar, um grupo no qual cada um seja respeitado em sua religião, encontrando nele, inclusive, lugar propício para cultivar esta identidade religiosa; o Grupo quer, em sua diversidade, ser um espaço de produção coletiva de conhecimento religioso e reconhecimento mútuo nas diferentes expressões de fé. Estas duas idéias fundamentais, assim elaboradas coletivamente na primeira reunião, continuam vigorosas e são constantemente retomadas. Todos os que foram acolhidos no Grupo, posteriormente, vêm assumindo, de forma integrada, essas duas idéias orientadoras, que são de certa forma o ponto de orientação do Grupo.

Como referimos anteriormente, um dos motivos que está na origem do Grupo é a pesquisa sobre práticas sociais. O projeto de pesquisa sobre as políticas e práticas sociais, levando aos líderes religiosos questionamentos com relação ao conhecimento da Lei Orgânica de Assistência Social LOAS, segundo relato de profissionais entrevistados, foi motivo de despertamento e ampliação no horizonte das responsabilidades sociais e religiosas dos líderes em questão e de manifestação de interesse dos mesmos

em conhecer melhor as diversas práticas que acontecem e a importância de se realizar trabalhos em forma conjunta. O projeto desencadeou um novo aprendizado, de rompimento com antigas “mazelas” entre as práticas de assistência social e as práticas sociais religiosas, estas últimas, em geral, vistas de forma muito pejorativa no meio profissional do Serviço Social. Também o projeto de cadastro dos “locais de culto religioso e templos” que vem sendo realizado pela Universidade, há mais tempo, nos municípios da Região, já estava apontando nessa mesma direção. Tudo isso foi sendo captado pelos profissionais atuantes nas entrevistas e fez com que os mesmos ajudassem a articular a iniciativa de um primeiro encontro dos interessados.

O diálogo inter-religioso é uma nova forma de estudar o próprio fenômeno religioso. Ao longo do desenvolvimento das ciências humanas e sociais, diferentes especialistas vêm estudando as religiões a partir de suas especialidades. Os sociólogos pesquisam o papel da religião na sociedade, os antropólogos estudam as práticas, os rituais e os comportamentos religiosos, e na mesma linha vão os fenomenólogos, procurando compreender as manifestações religiosas no cotidiano. Poderíamos referir aqui também historiadores, psicólogos e outros. Hoje, de mais a mais, está havendo um despertar para a necessidade de um estudo mais conjunto, envolvendo os diferentes cientistas e também pensadores do próprio meio religioso. O

diálogo inter-religioso presente no espaço acadêmico é, sem dúvida um importante caminho para isso e, quem sabe, um testemunho fecundo e revelador da transdisciplinaridade.³

Vale registrar os esforços realizados por autores como Otávio Velho e outros no campo do estudo das religiões. Em particular, quando tratam da questão do paradoxo do relativismo e da contribuição específica da religião para as ciências sociais, esses autores apresentam importantes reflexões. Na visão de Otávio Velho, “há que se questionar a falta de reconhecimento no meio acadêmico secularizado da problemática da irreducibilidade da religião e da relevância de seu estudo”. Com a publicização das religiões na sociedade, faz-se necessário o diálogo entre os cientistas das religiões e os condutores dessas religiões, ou seja, os líderes religiosos.

Um aspecto que devemos enfatizar neste pequeno artigo é, exatamente, a interação que se busca do Grupo Inter-Religioso de Diálogo com a comunidade acadêmica da Universidade. Além das reuniões mensais do grupo de líderes, diversas atividades abertas à comunidade acadêmica e às comunidades em geral foram protagonizadas por estes mesmos líderes; entre elas estão algumas “celebrações inter-religiosas temáticas” em eventos especiais, dentro e fora da Universidade, o seminário “Estudando as Religiões”, com encontros mensais, as “Jornadas de Diálogo Inter-Religioso”, com encontros semestrais em 2003 e 2004, os “Painéis

das Religiões”, com realizações semestrais a partir de 2005. Em 2004 e 2005 funcionou o Grupo Permanente de Aprendizagem Coletiva GPAC, como um trabalho de assessoria direta de voluntários, funcionários, professores e alunos da UNISINOS, junto à organização das práticas sociais em locais de culto religioso e templos. A partir de 2005 constituiu-se, com reuniões semanais, o Grupo Cidadania e Cultura Religiosa Afro-Descendente. Esta última atividade tem como finalidade principal ajudar no processo de inclusão social e acadêmica de jovens afro-descendentes e outros. Também a partir de 2005, está sendo desenvolvido importante trabalho de assessoria junto ao Ensino Religioso nas escolas públicas da Região.

As diferentes atividades desenvolvidas no campo da diversidade religiosa têm sido muito positivas no sentido de possibilitar a participação dos professores e alunos na reflexão sobre temáticas pautadas pelos líderes religiosos. Entre as temáticas que foram pauta de celebrações, estudos, pesquisas, reflexões ou troca de idéias, estão: a água, o meio ambiente, a paz, a tolerância religioso, a cultura do diálogo, a história e identidade das religiões, aspectos da teologia das religiões, práticas sociais religiosas, o uso das imagens nas religiões, as diferentes espiritualidades e as contribuições éticas.

Deve-se dizer que, além da integração em diferentes iniciativas do Programa “Gestando o Diálogo Inter-

Religioso e o Ecumenismo” GDIREC, o Grupo Inter-Religioso, hoje, já deu passos importantes e tem uma renovada consciência de que, frente aos desafios do contexto no qual todos nós estamos vivendo, é fundamental:

* Cultivar a identidade religiosa: O amor pela própria religião é fundamental e nos deve fazer buscar o aprofundamento na fé e no conhecimento da mesma; certamente este é um dos maiores desafios: a boa formação na nossa fé.

* Respeitar e valorizar a identidade religiosa dos outros: O nosso amor pelos outros, que pensam de forma diferente e que professam outras crenças, também é fundamental; não se precisa concordar com o que os outros professam para respeitá-los e levá-los a sério como pessoas que cultivam com seriedade a sua fé.

* Levar a sério os setores da sociedade que mais sofrem injustiças e a população mais marginalizada e empobrecida: A dignidade da pessoa e o valor da vida devem orientar todas as nossas atividades; devemos levar a sério os pobres, a pessoa humana e a vida em geral, se queremos ser levados a sério como seguidores de uma proposta religiosa.

Este último aspecto está particularmente relacionado com um dos motivos da origem do Grupo, ligado à já referida pesquisa sobre práticas sociais religiosas. Os líderes integrantes do Grupo, além dos aspectos diretamente relacionados com o diálogo inter-religioso, revelam um importante aprendi-

zado no que diz respeito aos sujeitos mais necessitados. O estudo sobre as práticas sociais, avaliadas pela LOAS, tem contribuído para que os líderes religiosos não vejam os seus adeptos apenas como membros, fiéis, irmãos ou filhos, mas como cidadãos, que participam dos projetos religiosos no cotidiano. Os líderes passaram a entender que as religiões são importantes como reserva ética da humanidade. Elas têm, por isso, uma grande responsabilidade. Os líderes religiosos respondem por essa responsabilidade tanto num ambiente mais restrito de sua identidade religiosa quanto no âmbito do trabalho inter-religioso e do diálogo em geral.

Na sociedade e nos meios religiosos, ainda está muito ausente a atenção para com o povo empobrecido e abandonado. Isso está notório em todo o chão brasileiro. São múltiplos os caminhos religiosos que diariamente são ofertados para um público ou para as pessoas, mas pouco ou nada existe de preparação para que haja um bom discernimento de suas vidas. Os seres humanos vivenciam ricas experiências de profundo despertar, plenas de busca de humanidade e liberdade, mas muitas vezes eles são barrados e abafados pelas circunstâncias e, assim, multiplica-se o número dos que têm fome e sede de justiça social (e religiosa).

Na esfera religiosa, assim como em qualquer esfera da vida social, é importante estar atento tanto à dimensão dos excluídos quanto à sua emancipação dentro dos direitos já instituídos por lei. No que tange ao

diálogo inter-religioso, cabe às religiões instituídas e de tradição histórica abrir-se para uma maior compreensão do surgimento das religiões ainda frágeis institucionalmente e para o fato de que o ser humano tem livre-arbítrio para fazer a sua escolha de fé religiosa. Vivemos tempos de crescente presença e vivência religiosa em formas pouco institucionalizadas; ou seja, a religiosidade de decisão e conveniência pessoal tende a se multiplicar. O diálogo inter-religioso e a prática da transdisciplinaridade fazem parte do conjunto de movimentos que estão ajudando a recuperar culturas perdidas e revalorizando aspectos da humanidade presentes e passados que são fundamentais, mas foram pisoteados pela truculência dominante. São movimentos de correção de rumo nos caminhos que a humanidade costuma trilhar. Estamos convencidos de que nem sempre os caminhos que a humanidade costuma trilhar são os mais acertados; por isso, correções de rumo sempre são necessárias. São movimentos de reinvenção do humano na própria humanidade, como fatores essenciais para uma condução sadia do nosso presente e do nosso futuro. Nós cremos que algumas dessas correções de rumo e algumas dessas reinvenções do humano, muito para além das disciplinas científicas e tecnológicas, podem provir das sabedorias guardadas ou escondidas tanto nos átrios sagrados das religiões de todos os tamanhos, tempos e lugares como no chão do cotidiano das mais variadas formas de fazer, saber e viver cultivadas pela humanidade.

Referências bibliográficas

FOLLMANN, J. Ivo. *O mundo das religiões e religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios*. In STRECK, D. R.; FOLLMANN, J. I. e SCARLATELLI, C. C. **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. p. 11-28

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. *Religião de costume ou religião de escolha*, Revista **Mundo Jovem**, ano XLIV, n. 367, junho de 2006. p. 5.

TEIXEIRA, Faustino. *Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade*. In STRECK, D. R.; FOLLMANN, J. I. e SCARLATELLI, C. C. **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. p. 29-40.

IHU ON-LINE. *Religiões no Brasil*. Número especial da revista eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo: Unisinos, ano 4, n. 169, 9 de dezembro de 2005.

Notas

1 Adevanir Aparecida Pinheiro (adevanir@unisinos.br) é Assistente Social e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas; José Ivo Follmann (jifmann@unisinos.br) é Sociólogo, Padre Jesuíta, Doutor em Sociologia. Ambos coordenam o Programa “Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo” GDIREC,

Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS.

- 2 O Grupo Inter-Religioso de Diálogo é constituído pelos seguintes líderes religiosos: Dolores Senhorinha Dorneles: *Casa Africana Santo Antônio do Categeró (São Leopoldo)*, Aida Martins de Lima e Antonio José de Lima Filho: *Casa Social Africana Nossa Senhora da Conceição - Mãe Oxum (Canoas)*, Dejaire Haubert: *Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás (São Leopoldo)*, Aguida Guiomar Pires e Elói Saldanha: *Templo de Umbanda Preta Velha Zimba do Congo TUMPIZ (São Leopoldo)*, Nilton Luís Rodrigues: *Associação Espírita de Umbanda Cacique Haitiú e Templo de Oxum (São Leopoldo)*, Alancardino Vallejo e Rafael Gué Martini: *Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal Santo Daime (Sapiranga)*, Adalberto Dutra, Wilson Dammer e Claudiano Pereira: *Igreja Evangélica Assembléia de Deus IEAD (São Leopoldo)*, José Ivo Follmann e Inácio José Spohr: *Igreja Católica Apostólica Romana ICAR (São Leopoldo)*, Jessé Castro Ramos: *Igreja Episcopal Anglicana do Brasil IEAB (São Leopoldo)*, Cleide Olsson Schneider: *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil IECLB (São Leopoldo)*, Antonio Cazzuni Dias: *Círculo Espírita Francisco de Assis CEFA (São Leopoldo)*, José Carlos Bandeira: *Sociedade Espírita Amor à Verdade (São Leopoldo)* e Rosaleine Salette Sete e Aida Maria Glüer: *Brahma Kumaris (São Leopoldo)*. O Grupo Inter-Religioso de Diálogo faz parte do Programa ‘Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo’ GDIREC, UNISINOS, o qual está dividido em duas grandes frentes (projetos) de trabalho: a) Diálogo inter-religioso e cidadania; b) Banco de dados, divulgação e assessorias. *Os projetos do Gdirec são coordenados pela MS Adevanir Aparecida Pinheiro e têm como secretária: Débora Barbosa Bauermann.*
- 3 Conhecimento “através”, “entre” e “além” das disciplinas.